

O ESPETÁCULO DA CATÁSTROFE

Por Isabel Harari,
Laysa Elias
e Roberta Smolka

Em 2010 o Haiti foi abalado por um terremoto catastrófico de grande magnitude, ocorrido próximo à capital Porto Príncipe. O acidente causou a morte de mais de 200 mil pessoas e deixou milhares desabrigadas, reduzindo a escombros metade da capital haitiana.

O país é a primeira república negra do mundo, conquistada com a luta de ex-escravos negros contra a colonização francesa. Enfrentando uma série de golpes de Estado e governos ditatoriais, o Haiti é hoje o país mais pobre da América, com um IDH de 0,404 (considerado baixo), e mais da metade de sua população subnutrida e abaixo da linha de pobreza.

A tragédia natural trouxe para o país novos problemas. Sem estruturas e fragilizado, o Haiti observou, sem forças, o sofrimento e a morte de milhares de pessoas e enfrentou o desafio de se reerguer. O país passou por uma crise geral agravada pela falta de alimentos e pela violência. Imagens e relatos foram compartilhados pela mídia internacional, mostrando ao mundo essa nação devastada.

Foi em cima de um telhado, em janeiro de 2010, a última vez que a menina Fabienne Cherisma, de 15 anos, veria aquela cena catastrófica que a cercava, antes de falecer com um tiro na cabeça. Esse momento foi retratado por dezenas de fotojornalistas, inclusive Nathan Weber. Autor da foto assunto dessa matéria. Weber estava naquele mesmo telhado, fotografando a destruição vista de cima, na hora em que a garota foi morta por policiais. Enquadrado por lentes e zooms, o corpo da garota transforma-se em um objeto representativo do drama atravessado pelo país.

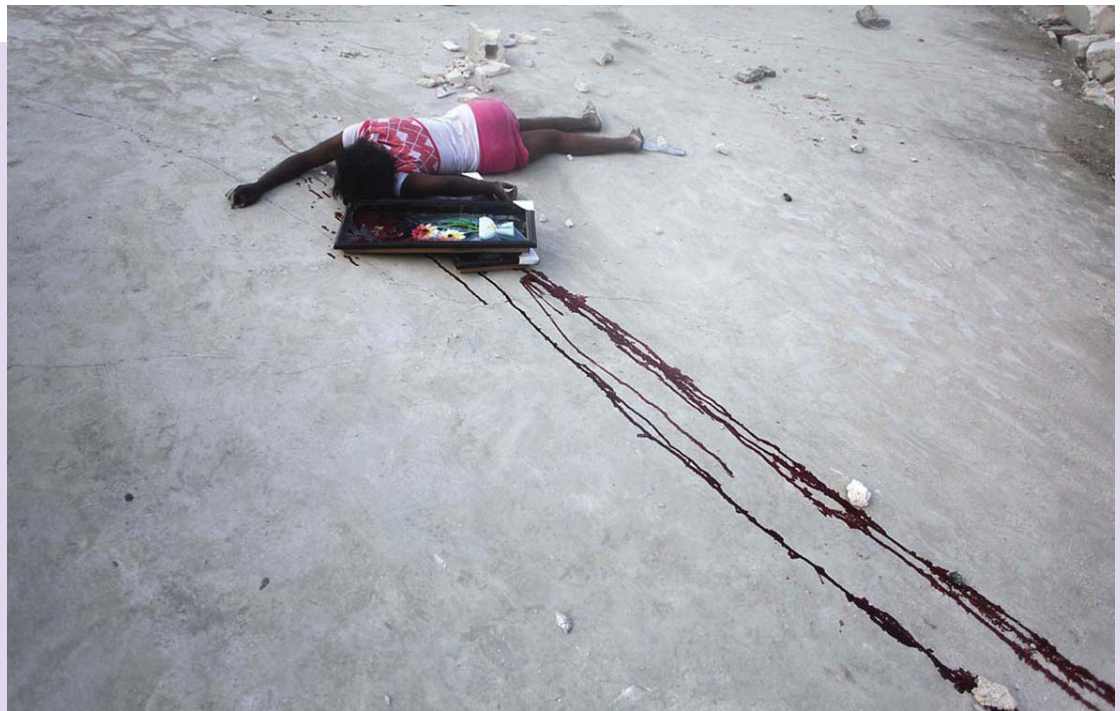
Essa imagem circulou pelos veículos de informação juntamente com as outras tiradas do mesmo corpo sob ângulos diferentes. A fotografia revela a visão de mundo que o profissional prioriza naquele dado momento. Portanto, o papel da mídia e, especialmente, do fotojornalismo pode, a partir desse exemplo, ser questionado e ponderado?

O **Contraponto** entrou em contato com alguns fotógrafos e jornalistas para discutir a foto em questão e o que ela significa para o jornalismo e para a elaboração da notícia.

"Eu sou contra martelar a tragédia", afirma o fotógrafo João Zinclar. Para ele, essa é uma foto factual, documental, e o papel do jornalista é informar e contribuir para as várias visões de mundo. Porém, há uma reflexão a ser feita a respeito da ética jornalística e do sensacionalismo das notícias. "Os critérios estão se banalizando e sensacionalizando muito", diz Zinclar. Portanto, o que seria sensacionalismo? Quais os valores éticos a serem discutidos?

Remonta-se a mais de 400 a.C com o nascimento de Sócrates, considerado o primeiro a definir os conceitos relativos ao campo moral. Para o filósofo, a meta seria o auto-questionamento do interlocutor, através de debates e discussões. Nesse caso, uma simples foto de um cadáver víti-

Chamada "instante decisivo", fotografia no jornalismo é só mais um produto sensacionalista ou um meio de divulgação da realidade?



Alon Skuy



Nathan Weber

O mesmo cenário sob perspectivas diferentes: acima, morte de Fabienne Cherisma que virou manchete; ao lado, Nathan Weber registra sensacionalismo barato da imprensa

ma de uma tragédia natural faz parte desse âmbito moral, desse questionamento, afinal, o jornalismo tem em si a responsabilidade social. Deve-se questionar se tais imagens e tais conteúdos são válidos para a sociedade.

"Mas, falando em princípios, não vejo problema ético no trabalho dos fotógrafos que a cena mostra(...) mas presumindo que o trabalho não está desrespeitando a menina ou sua família, o trabalho do fotógrafo inclui registrar esse tipo de cena, por mais triste que seja.", relata Marco Canonico, editor de fotografia do jornal *Folha de S.Paulo*. Os critérios utilizados aqui, portanto, se referem à transmissão da notícia e das imagens por mais trágicas que sejam, como um dever do jornalista. A ética aqui é enxergada por um viés diferente, tomando-se como partida a função do fotógrafo ali presente. Canonico afirma também que "essa tática de fotografar indiretamente, mostrar outros profissionais registrando a cena, é um recurso comum, dá uma alternativa a mais, pode ser algo para fugir da imagem óbvia."

Mas, mais do que uma simples alternativa fotográfica, essa imagem mostra o trabalho jornalístico, põe em ação o fotógrafo. Pode-se então questionar a cobertura da mídia em tal acontecimento e qual os critérios utilizados na apuração das informações. Para Zinclar, a foto não põe em cheque a moral do jornalista, mas vale refletir sobre a cobertura da mídia nesse acidente, uma espécie de metajornalismo, analisando o que o trabalho de todos esses jornalistas da foto significa.

Já o fotógrafo da revista *Caros amigos*, Jesus Carlos, tem uma opinião bem concisa sobre o assunto. "Aqui eu vejo uma espetacularização da notícia, da informação. Coloca os profissionais da imagem em uma situação meio ridícula, parece uma coletiva de imprensa". O caminho do seu raciocínio segue por uma linha crítica a esse jornalismo que banaliza os critérios éticos que deveriam estar presentes no dia-a-dia da profissão.

Jesus fala um pouco também sobre os rumos que a profissão está tomando. A notícia, transformada em mercadoria, é vinculada ao poder econômico em detrimento da qualidade do texto e da informação. A sede pelo capital e pelo prestígio promove não só a degradação da notícia, mas também a manipulação dos fatos em prol do alcance midiático. "Eu não sou contra tirar foto de um cadáver eu sou contra martelar a tragédia insistentemente como fazem algumas emissoras de TV", acrescenta João Zinclar.

Uma cena impactante como essa deve ser disseminada pela mídia? De que maneira? Cada fotógrafo presente captou o momento sob uma perspectiva diferente, podendo ela ser sensacionalista ou não. O ângulo, a abertura, o foco, são fatores decisivos na definição do resultado final. "O fotógrafo já edita a foto quando ele está tirando, ele coloca seu olhar, sua visão de mundo", diz Zinclar.

Um exemplo de relação fotógrafo-fotografado dado por Jesus Carlos é a da foto tirada por Kevin Carter em 1993, em que uma menina sudanesa, que se arrasta até um posto de alimentação, é observada por um abutre. O fotógrafo ganhou o prêmio *Pullitzer*, e quando questionado sobre os motivos de não ter ajudado a garota alegou que agiu de acordo com um parâmetro estabelecido pelos fotógrafos de não se aproximar

desse tipo de cenário a fim de evitar contaminação por doenças. Atormentado, Carter suicidou-se. Mas antes de morrer ele disse à *American Photo* que “Essa foi a minha foto de maior sucesso, depois de dez anos como fotógrafo, mas não quero pendurá-la na parede. Eu a odeio”

Marco Canonico reitera: “Às vezes as pessoas olham uma cena dessas e imaginam que os fotógrafos (e os jornalistas, em geral) são pessoas frias, que não se comovem com a tragédia que estão vendo, simplesmente se preocupam em fazer seu trabalho. Mas a verdade é que não é assim que acontece – os fotógrafos são humanos como qualquer um, se emocionam, se entristecem, são afetados pelo cenário das grandes tragédias – não conheço um profissional que tenha participado de coberturas desse tipo (terremoto no Haiti, deslizamentos na região serrana do Rio, assassinatos na escola de Realengo, terremoto no Japão, guerra na Líbia etc.) que tenha passado incólume, sem sentir nada. E continua: “Todo mundo sente, uns mais, outros menos, cada um expressa de um jeito. Agora, todos devem cumprir seu trabalho, até por respeito às vítimas, como uma maneira de registrar o que aconteceu, de garantir que aquilo não será esquecido e, se possível, não será repetido. Imagine como seriam as coberturas de grandes tragédias se a imprensa nunca publicasse fotos de mortos e feridos – seria impossível entender a dimensão

da catástrofe, se aproximar da dor das vítimas, se mobilizar para tentar ajudar. O leitor ficaria mais distante da tragédia, de seu significado, viveria num mundo irreal.”

Sobre esse assunto Zinclar também se pronuncia: “Teve um episódio numa inauguração de uma fábrica da *Honda* em Sumaré, eu estava em cima de um caminhão de som e em baixo estourou o maior conflito entre os militantes que estavam fazendo protesto contra a polícia militar. E teve um amigo meu que estava praticamente sendo prensado pela viatura policial no caminhão de som. Você via o gesto de dor e sufoco, e eu bem em cima dele, o cara é meu amigo eu a primeira sensação que veio foi de parar de fotografar e fi-

car batendo no caminhão e eu fiz umas duas ou três fotos e parei e fiz aquilo ali. Depois do episódio eu narrando pra ele, ele mesmo me criticou, ele disse que eu não tinha a menor condição física e prática de fazer alguma coisa por mim. Seu papel era fotografar o que estava acontecendo”.

No caso da foto de Nathan Weber é possível se abrir a discussão a respeito dos diferentes fins que a imagem pode alcançar. O jornalismo é o reflexo dos acontecimentos da humanidade; por mais que o aspecto político e econômico seja preponderante, o caráter humanitário deve sempre existir. “A questão não é se Fabienne será lembrada como uma vítima do terremoto, mas se, fora da sua família, ela será lembrada de qualquer forma.”

“AQUI EU VEJO UMA ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA, DA INFORMAÇÃO. PARECE UMA COLETIVA DE IMPRENSA”

(JESUS CARLOS)



Des-humanidade no Sudão

Kevin Carter

“Eu a vi cair; estava morta”

Pete Brook, blogueiro norte americano graduado em História da arte e Museologia, tem um portal chamado *Prison Photography*, onde publica seus estudos sobre fotografia. O blog promove discussões sobre as polêmicas no mundo do fotojornalismo e procura divulgar diferentes visões e análises das imagens. Em julho de 2011 o veículo de informação foi listado entre os 10 melhores fotoblogs pelo *British Journal of Photograph* e ganhou o prêmio de melhor fotoblog no LIFE.com.

A foto de Fabienne foi exaustivamente discutida no *Prison Photography*. Ele enfatizou as diferentes formas de divulgação dessa imagem pela grande mídia além de ter entrevistado fotógrafos que clicaram a cena: Edward Linsmier, Nathan Weber, Jan Graru, Michael Mullady, Paul Hansen, Michael Winiarski, James Oatway, Nick Kozak.

“A atmosfera era intensa. Foi o ambiente mais emocionante que eu já estive. Em um momento achei que o necessário era preciso se afastar e parar de fotografar. Pensei em voltar ao hotel e transmitir as imagens. Até aquele momento não havia sido captada a morte de uma jovem derivada da violência policial, eu sabia que isso seria uma importante notícia.” – Nathan Weber.

“Um dia enquanto cobria a situação, uma menina foi baleada a poucos metros de onde eu estava. Pessoas estavam em um prédio em ruínas e correndo sobre os telhados em direção ao interior das lojas onde mercadorias estavam enterradas. Foi uma decisão difícil, mas decidi seguir as pessoas para encontrar imagens mais íntimas. Ao me colocar naquela situação deveria ter pensado mais no que poderia acontecer. Naquele momento, tirar uma foto era a única coisa que estava pensando, não em minha vida. Aquela bala poderia ter ido parar na minha cabeça. Os policiais não olhavam a multidão, apenas atiravam. Aquele dia eu percebi o perigo de trabalhar como jornalista em situações hostis, em que cada dia pode ser seu último.” – Michael Mullady.

“Eu a vi cair. Pensei que ela tinha tropeçado. Estava morta. Merda. Levou um tiro. Eu estava ali. A decisão de continuar fotografando foi instintiva. Mais fotógrafos apareceram e todos estávamos tirando fotos. A garota morta ao fundo e as pessoas passando por ela, quase por cima dela, carregando tudo que podiam. Alguns homens pararam e a viraram, para identificar o corpo. A olharam certa emoção e foram embora. Levou um tiro na cabeça. Pelo que eu consegui entender a bala entrou pela bochecha e saiu pela nuca. O sangue escorria pelas fotografias que ela carregava quando caiu. Depois que o homem a virou o sangue começou a correr pelo concreto em nossa direção. Todos nós continuávamos a tirar fotos. Para alguém de fora, pareceria doente; uma multidão de fotógrafos procurando o melhor ângulo para contar a história da menina morta.” – Edward Linsmier.

FOTOS QUE FIZERAM HISTÓRIA



Phan Thi Kim Phuc, 9 anos, Vietnã, 1972 (acima)
Monge budista se imolando em protesto contra a opressão no Vietnã, Saigon, 1963 (abaixo)



Nick Ut

Malcolm Browne